

Nova Teoria da Comunicação e audiovisuais: a possibilidade da intuição sensível diante do estado-vídeo¹

New Communication Theory and audiovisuals: the possibility of sensitive intuition in face of the video-state

Nueva Teoría de la Comunicación y audiovisuales: la posibilidad de la intuición sensible frente al video-estado

Vanessa Matos dos Santos

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

<vanmatos.santos@gmail.com>

Resumo

Este artigo aborda as contribuições da Nova Teoria da Comunicação (NTC) no escopo da Comunicação compreendida em sua maioridade, como Ciência. Levada a cabo por Ciro Marcondes Filho (1948-2020), a NTC privilegia o metáporo como procedimento de pesquisa científica. De acordo com a epistemologia metapórica, a comunicação é um fenômeno raro, impossível de ser capturado por métodos científicos tradicionais e pressupõe uma abertura ao movimento, ao vivo. Em busca de exemplificar o procedimento metapórico, o vídeo, compreendido como um *estado*, é apresentado aqui como forma possibilitadora da experiência dinâmica; trata-se de uma possibilidade de rasgar uma passagem no sentido de privilegiar a intuição sensível e desvelar o Acontecimento comunicacional.

Abstract

This article approaches the contributions of the New Theory of Communication (NTC) in the scope of Communication understood in its majority, as Science. Carried out by Ciro Marcondes Filho (1948-2020), the NTC privileges the metapore as a scientific research procedure. According to metaporic epistemology, communication is a rare phenomenon, impossible to be captured by traditional scientific methods and presupposes an openness to movement, live. Seeking to exemplify the metaporic procedure, the video, understood as a state, is presented here as an enabling form of dynamic experience; it is a possibility of tearing up a passage in the sense of privileging sensitive intuition and revealing the communicational Event.

Resumen

Este artículo aborda los aportes de la Nueva Teoría de la Comunicación (NTC) en el ámbito de la Comunicación entendida en su mayoría, como Ciencia. Realizada por Ciro Marcondes Filho (1948-2020), la NTC privilegia la metápora como procedimiento de investigación científica. Según la epistemología metapórica, la comunicación es un fenómeno raro, imposible de ser captado por los métodos científicos tradicionales y presupone una apertura al movimiento, a la vida. Buscando ejemplificar el procedimiento metapórico, el video, entendido como estado, se presenta aquí como forma habilitadora de experiencia dinámica; es una posibilidad de romper un pasaje en el sentido de privilegiar la intuición sensible y revelar el Acontecimiento comunicacional.

¹ Este artigo é uma ampliação do texto intitulado “Pesquisa metapórica como nova nova rota investigativa: a comunicação como afecção”, capítulo integrante da obra intitulada *Cruzamentos de rotas audiovisuais*, organizada por Mariana Mól Gonçalves e Reinaldo Maximiano Pereira, aprovada para publicação pelo selo PPGCOM / UFMG.

Palavras-chave: Nova Teoria da Comunicação. Metáporo. Vídeo. Audiovisual. Intuição sensível.

Keywords: New Theory of Communication; Metapore; Video; Audio-visual; sensitive intuition

Palabras clave: Nueva Teoría de la Comunicación. Metáporo. Vídeo. Audiovisual. Intuición sensible.

Introdução

As imagens exercem verdadeiro fascínio sobre os homens desde os primórdios da humanidade. Além de proporcionarem uma espécie de registro dos fatos, possibilitam uma forma de expressão que extrapola a linguagem discursiva, escrita. Não por acaso, as pinturas rupestres permitem esta dupla leitura: por um lado, o registro dos fatos; por outro, uma forma de expressão artística. Esse fascínio potencializou-se quando as imagens deixaram de ser apenas estáticas e ganharam dinamicidade, som, textura, volume, espessura; elas se tornaram moventes, vivas e presentes. Os sentidos se aguçaram e o audiovisual² tornou tais traços mais evidentes. Nesse sentido, pode-se mesmo afirmar que o audiovisual democratizou sensações (mais abstratas) que antes estavam restritas apenas àqueles cujos espíritos eram mais permeáveis às tais sensações.

Diante de um cenário cada vez mais permeado pelas tecnologias, como pensar o audiovisual (vídeo) na contemporaneidade? Assumindo de antemão a multiplicidade de respostas possíveis a este questionamento, o presente artigo detém-se a apresentar as contribuições do metáporo, desenvolvido no escopo da Nova Teoria da Comunicação (NTC). O vídeo, compreen-

dido como um *estado*, é apresentado aqui como forma possibilitadora da experiência dinâmica; trata-se de uma possibilidade de rasgar uma passagem no sentido de privilegiar a intuição sensível e desvelar o Acontecimento comunicacional.

1. A Nova Teoria da Comunicação

Comunicação é um conceito característico do século XX. Com essa afirmação, Peters (2012) identifica o que seria a ideia de comunicação³ ao longo da História. De acordo com o autor, a concepção clássica que invoca o termo como sinônimo de comunhão ou diálogo precisa ser revista por estar mais relacionada a um ideal que a algo que se coloca na atualidade. Em sua busca pelas bases modernas do que se convencionou chamar de Comunicação, Peters (2012), assim como Marcondes Filho (2010), parte do princípio de que “O termo evoca uma utopia onde nada é mal compreendido, os corações estão abertos e a expressão é desinibida”.⁴ Tal compreensão encontra-se enraizada no termo *communicare*, do latim, que, de fato, significa dividir, tornar comum, fazer parte. O termo é introduzido na língua inglesa nos séculos XIV e XV, e sua raiz passa a ser *munus* (que dará origem ao termo “comunidade”, por exemplo). *Munus* tem a ver, portanto, com eventos públicos ou

2 No escopo desse artigo o termo audiovisual é considerado como a junção técnica entre áudio e vídeo. A experiência do sujeito diante dele (ou produzindo-o) é que possibilita alcançar a o nível de *estado vídeo* – conceito de Dubois (2004) explicitado ao longo deste manuscrito.

3 A palavra “Comunicação” redigida com a letra C maiúscula designa uma área específica do saber científico. Esta foi, inclusive, a maior busca de Ciro Marcondes Filho em suas obras acadêmicas: lançar os alicerces da Comunicação como Ciência autônoma.

4 Tradução livre do original: “The term evokes an utopia where nothing is misunderstood, hearts are open and expression is uninhibited” (PETERS, 2012, Loc 84, kindle edition).

exibições livres para todos. *Communicatio*, do latim, não significa, por conseguinte, uma partilha mútua, compartilhamento de ideias por símbolos ou qualquer outro sentido que invoque essa ideia.

Em sua origem, em realidade, na teoria retórica clássica, o termo designava um aspecto técnico, ou seja, um dispositivo por meio do qual um orador poderia assumir a voz hipotética do adversário ou público. Nesse aspecto, a concepção de diálogo entre sujeitos distintos era menos autêntica do que a simulação do diálogo por um único falante.⁵ A ideia de *communicatio* como fazer parte, tornar comum, ainda assim se disseminou, provavelmente porque implica o princípio de fazer parte de um corpo social por meio da linguagem, por exemplo. Outras ideias também se disseminaram e se relacionam notadamente aos momentos históricos nos quais se desenvolveram. Não por acaso, a concepção de comunicação como transferência de algo, conexão, sinais, fica evidente a partir do invento do telégrafo, por exemplo. Enquanto os estudos se concentravam no âmbito das ciências exatas, estava claro que a chegada de um sinal tal como saiu da fonte representava sucesso comunicacional. Ocorre, no entanto, que não se pode falar em transferência ou ainda em adaptação de princípios ou conceitos. Seres humanos não são máquinas e, como tal, não respondem como elas. Compreender uma situação de troca entre seres humanos pressupõe abertura e, até certo ponto, também um grau de intimidade.

Há uma fronteira que se coloca nesse ideal de compartilhamento que equivale justamente à interioridade de cada um. Não

é possível, por exemplo, realizar uma fusão de consciências. Há um certo espaço de individualidade que se constitui justamente naquilo que o Ser possui de indecifrável. Ainda assim, é possível encontrar estudos que buscam “prever” comportamentos por meio de estímulos, quando hoje já se sabe que o homem é um Ser muito complexo, de modo que o que o estimula hoje pode não exercer o mesmo fascínio amanhã (SANTOS, 2017). Os critérios duros de pesquisa (principalmente no que se refere ao método) praticamente soterraram aquilo que a Comunicação tinha (e tem) de mais particular (o sentir, a percepção) em nome de um pseudocientificismo.

Bachelard (1996) desempenha vital importância nesse processo porque apresenta outro ponto de vista no que se refere ao conhecimento científico que parece libertar a Comunicação das amarras das ciências duras. Em relação à discussão sobre o método, para Bachelard (1996, p. 136), o “[...] espírito científico vive na estranha esperança de que o próprio método venha a fracassar totalmente. Porque um fracasso é *facto novo*, uma ideia nova”. A reprodução incessante dele conduz a uma clareza forçada que impede a visualização do que de fato é o novo, o interessante, o surpreendente. Muitas vezes a pesquisa científica exhibe algo a que as lentes metodológicas não permitem dar relevo. O próprio Goethe chegou a afirmar, durante um congresso de Filosofia, que “Quem perseverar na sua pesquisa é levado, mais tarde ou mais cedo, a mudar de método” (aoud BACHELARD, 1996, p. 136).

5 Tradução livre do original: “In classical rhetorical theory *communicatio* was also a technical term for a stylistic device in which an orator assumes the hypothetical voice of the adversary or audience; *communicatio* was less authentic dialogue than the simulation of dialogue by a single speaker” (PETERS, 2012, Loc. 177, kindle edition)

A Nova Teoria da Comunicação (NTC) surge como algo radicalmente novo, principalmente no que se refere aos procedimentos de investigação ensejados por ela que negam, veementemente, a aplicação de um método comunicacional. No escopo da NTC, comunicar não deve se confundir com sinalizar ou informar. Tudo o que existe (pedras, seres humanos, animais etc.) emite sinais, ou seja, sinais são emitidos e recebidos cotidianamente, ainda que não se queira. Alguns sinais podem ocorrer de forma deliberada, enquanto outros podem se dar de forma não intencional. Entretanto, como bem destaca Marcondes Filho (2008, p. 5-26), a emissão de um sinal não pressupõe, necessariamente, a recepção. Uma ação não se liga à outra segundo uma relação de causa e efeito. Cabe a cada um decidir a que sinais dará atenção. Quando ocorre o interesse por algo que está sendo dito, exibido, ouvido, então esse sinal se converte em informação, cujo objetivo maior é possibilitar ao ser mais e melhores condições de se adaptar, de agir e de estar no mundo. Trata-se de uma ação deliberada que implica uma escolha, ou seja, cada um vai em busca das informações de que necessita e as incorpora ao seu repertório numa ação de seleção consciente (MARCONDES FILHO, 2010; 2020).

A Comunicação, por seu turno, pressupõe mudança qualitativa de um estado para outro. Isso significa que algo precisa mudar no Ser para que se possa afirmar que ocorreu a comunicação. Comunicar é um fenômeno que, a despeito do que apregoa o senso comum, não acontece com tanta frequência, e tampouco pode ser reproduzido em laboratório. Por resgatar a importância do Outro (praticamente negligenciado nas teorias

tradicionais e considerado mero receptor), a NTC parte do ponto de vista de criar sentido, de gerar mudança, ruptura. O único ser que é capaz de perceber isso é aquele que vivenciou o fenômeno comunicacional (MARCONDES FILHO, 2018). Comunicação, por essa óptica, é algo muito maior, livre de materialidade. Ela se estabelece, entre outros aspectos, na relação com o outro, no princípio da alteridade, e é por essa razão que o Outro recebe especial atenção por parte de Ciro Marcondes Filho (2004; 2010; 2020).

Ao se basear na óptica de Lévinas, Marcondes Filho defende que o Outro, no fenômeno comunicacional, é tal como é em Lévinas: impenetrável, insondável, aquele que está fora de mim. Não necessariamente se está falando de uma pessoa, mas sim daquilo que o ser não é e, exatamente por isso, é aquilo que rompe o ego e possibilita ver além de si mesmo. A comunicação pressupõe, dessa forma, o reconhecimento do Outro, mas não apenas isso. É preciso romper a barreira que há em mim para acolher, hospedar o Outro que me choca (por ser tão diferente de mim) e que pode até mesmo me agredir dada a sua estranheza. É preciso abrir-se. Essa abertura, no entanto, não acontece sempre numa situação dialógica (como queria Buber); ela pode ocorrer pelo atrito, pelo radicalmente oposto, pela formação de ranhuras e fissuras na alma. Seguindo esta linha de raciocínio, Ciro Marcondes Filho (2018; 2019; 2020) defende que a Comunicação só pode ser sentida, observada. Não se trata de algo previsível e nem mesmo quantificável. Trata-se de algo da ordem do sensível, da afecção.

Ainda no terceiro livro, Spinoza destaca que não existem causas finais diante das afecções (SPINOZA, *Ética*, III, p. 190).

Ao contrário, somos passivos e ativos de corpo e alma o tempo todo. Seria improficuo buscar esse tema com base em métodos preestabelecidos. Com base no *Princípio da Razão Durante* que, diferentemente de uma visão polarizada entre objetividade e subjetividade, emissão e recepção, significação e sentido, valoriza o “entre” (MARCUNDES FILHO, 2008), essa nova visão de pesquisa implica assumir que a comunicação se processa no durante, no momento de sua ocorrência, buscando atingir o sensível, o único, o irreproduzível de cada experiência, um Acontecimento.

2. Metáporo ou o quase-método

No escopo da NTC, o metáporo – ou o quase-método – é o procedimento investigativo que permite ao pesquisador observar o vivo no auge de sua vivência, *enquanto* ocorre. O pesquisador não “congela” o objeto para investigá-lo. Ao contrário, persegue o movimento vivo do objeto e realiza observações desses acontecimentos, que são únicos e irreproduzíveis.

Diferentemente da pesquisa clássica ou tradicional, a pesquisa que assume a comunicação como um Acontecimento pressupõe a necessidade de “re-escrever” os caminhos e de revisitar os temas em função do novo contexto, mas, sobretudo, em função do momento. Assim, a ideia de métodos preestabelecidos e constantemente aplicados, facilmente reproduzíveis, não cabe na perspectiva da Nova Teoria da Comunicação. O “vivo” está justamente na ausência de um método fixo, definitivo, fechado, asséptico.

O método serviria para captar aquilo que os sentidos falseiam, ou seja, aquilo que é captado pelo sentido deve ser cons-

tantemente submetido à prova. De forma diametralmente oposta e assumindo a epistemologia metapórica (posto que o metáporo opera pelos poros, um espaço, uma passagem que permite visualizar o Acontecimento comunicacional que, por sua vez, deixa-se ver), a Nova Teoria da Comunicação está assentada na perspectiva de que o pesquisador se torna *a* rede. Ele deixa de ser o sujeito que lança a rede e apenas observa para se tornar *a* própria rede. É importante destacar que o pesquisador que assume a Nova Teoria sente o que se passa ao seu redor e se coloca na cena do Acontecimento, *enquanto* ele se dá (OLIVEIRA, 2016). Existe, na Nova Teoria, a valorização do sentir e do percebido. Se, por um lado, a aceção do metáporo possibilita pesquisas antes impossíveis sem essa visão, por outro, também impõe desafios a um objeto que não é controlado. O metáporo impõe a necessidade de acompanhar o movimento, o que nem sempre é confortável para pesquisadores que, por mais que se esforcem, ainda carregam a herança de uma ciência calcada em métodos rígidos. Trata-se, portanto, de uma rebeldia acadêmica necessária: libertar-se das amarras e perceber-se no mundo.

O pesquisador não visa capturar ou dissecar algo. Ele busca vivenciar e sentir o fenômeno, buscando formas para transmitir o clima, a pulsação, a vibração experimentados. E de que forma o pesquisador consegue identificar que o fenômeno ocorreu ou está ocorrendo? É preciso estar aberto para a apreensão instantânea do fenômeno, de forma desprovida de julgamentos ou de tentativas de encaixes forçados.

É preciso, portanto, instalar-se na mudança – e este é o maior desafio. Em sua árdua

tarifa de apreender a realidade que o cerca, o homem lança mão da inteligência. Por meio de uma série de mecanismos complexos, a inteligência focaliza a ação, o resultado. Os meios – ou, nas palavras de Bergson (2010, p.326), “os movimentos constitutivos própria ação”, acabam escapando à inteligência. Ao citar um exemplo de ação simples – como o ato de levantar os braços – o filósofo francês segue sua argumentação, questionando [o] “Que nos aconteceria se tivéssemos de imaginar previamente todas as contrações e tensões elementares que ele implica, ou sequer de as perceber, uma por uma, enquanto se realizam?”.

Ao saltar direto para o final da ação, a inteligência se afasta do movimento e vai diretamente para uma imagem de algo já realizado. Desta maneira, o que a inteligência faz é, na verdade, dedicar-se à análise do imóvel, do pronto, do já concebido, de forma que “o móvel foge incessantemente perante o olhar da ciência” (BERGSON, 2010, p. 328). Os saltos da inteligência fazem com que o conhecimento cotidiano da realidade ocorra, como afirma Bergson, conforme a natureza cinematográfica. Ao afirmar tal natureza, Bergson busca sublevar que o efeito de movimento proporcionado pela cinematografia consiste em transformar tudo em um movimento geral, fazendo com que “em vez de nos prender ao devir interior [das coisas, das figuras], colocamo-nos fora delas para recompor o seu devir artificialmente” (BERGSON, 2010, p. 333). A ilusão de mobilidade proporciona unicamente uma vertigem que não permite enxergar adiante. De acordo com o filósofo, a instalação do Ser no movimento, no *durante*, só pode ser alcançada por meio do método da intuição.

A intuição, por seu turno, se apresenta como uma visão imediata, sem intermediá-

rios ou mediadores. Trata-se, portanto, de uma “visão direta do espírito pelo espírito” (BERGSON, 1974, p. 27), que resvala para a consciência imediata ou, ainda, “[...] visão que quase não se distingue do objeto visto, conhecimento que é contado e mesmo coincidência. É também consciência alargada, pressionando a borda do inconsciente que cede e que resiste, que se desvenda e que se oculta [...]” (p. 120). Ao ensejar um movimento dilatador do espírito, a intuição ainda depara com as dificuldades concernentes às limitações de compartilhamento das experiências vividas. A linguagem (e não apenas ela, mas aqui nos serve como exemplo), nesse aspecto, é algo limitante e sempre ineficiente justamente porque “a intuição, [...] não se limita a uma relação cognitiva entre sujeito e objeto, mas impõe ao indivíduo uma *experiência* que envolve a totalidade da sua personalidade e que o transforma (ROCHAMONTE, 2016, p. 225, grifo da autora). Dessa forma, a intuição não renuncia aos conceitos e necessita deles para ser expressa, mas isso não quer dizer que ela seja algo fixo. Ao contrário, os conceitos são utilizados apenas como forma de acesso ao movimento, mas percepçioná-lo é algo maior.

No âmbito da Nova Teoria da Comunicação, a intuição pode ser concebida de duas formas, quais sejam: a intuição intelectual e a intuição sensível. Enquanto esta segunda marca o momento prioritário do Acontecimento, a intuição intelectual, diz respeito aos “[...] fatos que antecedem e que sucedem a intuição sensível” (MARCONDES FILHO, 2010, p. 254). Num esforço imagético, poder-se-ia demonstrar a temporalidade metapórica da seguinte forma:

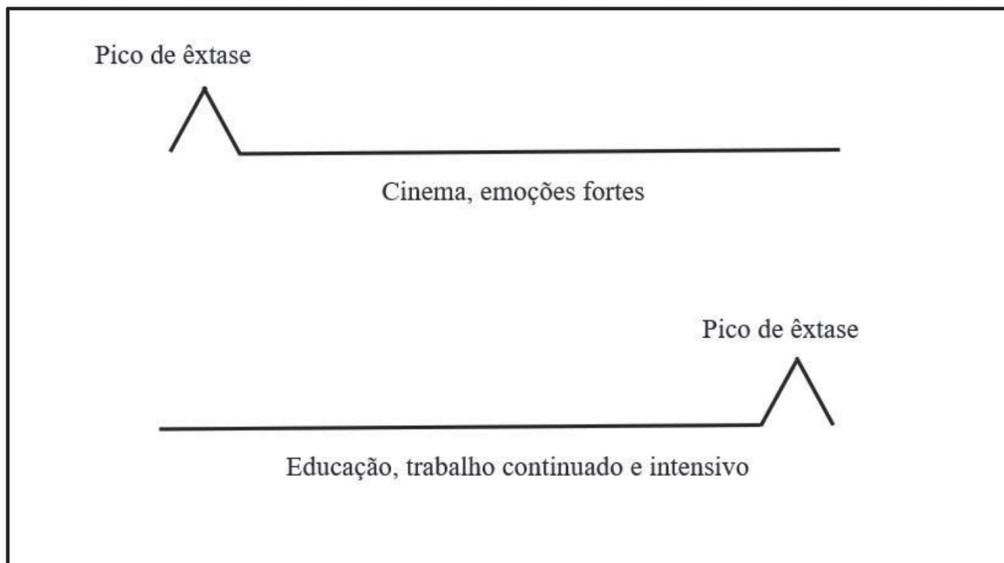


Figura 1 - Temporalidade metapórica

Fonte: Marcondes Filho (2010, p. 255)

A intuição intelectual pode ocorrer antes ou após a intuição sensível, de acordo com o objeto em questão. Esse movimento vai depender da temporalidade metapórica, definida por Marcondes Filho (2010, p. 254) como “uma temporalidade estendida marcada pelos picos de êxtase”. Esses picos correspondem à intuição sensível e ao momento da virada, da ocorrência do fenômeno que justifica a afirmação de ocorrência da comunicação genuína, capaz de possibilitar a ruptura e a marca de algo que atravessa o Sujeito, que rompe, que violenta, que choca. A virada, a transformação que choca e violenta, pode acontecer nos primeiros instantes da relação, como no caso de uma emoção forte ou mesmo no cinema, e os efeitos serão sentidos em momentos posteriores. Nesse caso, a intuição intelectual se processa no depois, de modo que algo permanece ressoando no Sujeito,

transformando-o após a exibição de uma obra cinematográfica, por exemplo. Mas, em situações educacionais, o sentido pode ser diferente: o pico intuitivo pode ocorrer após uma longa explicação do professor, por exemplo. Ao ser espectralado, o audiovisual, por exemplo, tem o potencial de possibilitar picos de êxtase tanto no início (como obra cinematográfica) quanto no final (como processo educativo) da relação. Mas, para além de ser espectralado, ou mesmo de ser produzido, é possível que estes materiais se coloquem como metáforas que possibilitam – ainda que em parte – exprimir o inexprimível.

3. A possibilidade de rasgar uma passagem por meio do vídeo

A invocação de imagens, de modo geral, coloca-se como primordial, uma vez

que “a comunicação da intuição tem necessidade de imagens para evitar toda a fixação rígida e indicar a direção na qual é preciso ir. A imagem é então uma orientação, imperfeita, mas ativa para a intuição” (VIEILLARD-BARON, 2009, p. 75). A imagem não será total, mas se coloca como um auxílio à compreensão do movimento intuitivo. Essa é a razão pela qual o próprio Bergson utiliza em seus escritos muitas metáforas para expressar a articulação de suas ideias e destaca a importância dos artistas na vida ordinária. Para ele, os artistas são “[...] homens cuja função é justamente a de ver e de nos fazer ver o que não percebemos naturalmente” (BERGSON, 2006, p. 155).

Bergson destaca que a linguagem tem elevada importância intelectual, afirmando-se por uma racionalidade instrumental. Essa forma, no entanto, não alcança a experiência dinâmica da duração. Isso faz com que a duração não seja exprimível por meio de palavras, posto que estas são cristalizadas. Existe, já aí, uma contradição intrínseca: como utilizar uma forma fixa para expressar aquilo que se move? Haverá sempre algo que falta, mas Bergson opta por uma aproximação por meio da utilização das representações metafóricas, das imagens.

Ao se debruçar sobre os estudos de Bergson, Santos Pinto argumenta que “[...] um conjunto de imagens diversas, com cada qual evocando diferentes aspectos dessa duração, pode suscitar no sujeito um movimento intuitivo do espírito capaz de o aproximar novamente da intuição original” (SANTOS PINTO, 2010, p. 151). Se é assim, é possível então assumirmos o vídeo como um poro, uma abertura para

o Acontecimento comunicacional. Para além da mera junção técnica entre som e imagem, assumimos, nesta discussão, a defesa daquilo que Dubois (2004) designa *vídeo*. Para ele, o vídeo é o lugar de todas as flutuações e, justamente por isso, carrega consigo diversos problemas concernentes à sua identidade, conceituação, filiação etc. O vídeo é, para Dubois, um *estado*. Não se trata apenas de algo fixo. Pode sê-lo também, mas não apenas. Vídeo não é um objeto; trata-se de um *estado*, pois se apresenta de forma “[...] múltipla, variável, instável, complexa, ocorrendo numa variedade infinita de manifestações” (DUBOIS, 2004, p.12-13). Isso significa que, em síntese, o vídeo é a expressão máxima do presente; aquilo que interpela e simultaneamente constitui o sujeito produtor e espectador.

Dito de outro modo, é o ato de olhar se exercendo, *hic et nunc*, por um sujeito em ação. Isto implica ao mesmo tempo uma ação em curso (um processo), um agente operando (um sujeito) e uma adequação temporal ao presente histórico: “eu vejo” é algo que se faz “ao vivo”, não é o “eu vi” da foto (passadista), nem o “eu creio ver” do cinema (ilusionista) e tampouco o “eu poderia ver” da imagem virtual (utopista). (DUBOIS, 2014, p. 72).

Vídeo, portanto, não é o devir e nem potência; ele é a vivência do agora, uma forma de pensamento. Desta maneira, por mais que se tente traduzir em linguagem verbal os sentidos de um vídeo, tal empreendimento jamais vai alcançar a totalidade do que apenas a linguagem videográfica é capaz de expressar. O *esta-*

*do-vídeo*⁶ é, em si, uma forma que pensa, que expressa, que se insere no presente, expressando-o e incorporando-o. Desta forma, o vídeo é também o não visível, aquilo que não está exposto na tela, mas que se coloca para o espectador à medida que algo o convoca; múltiplo, ambíguo, heterogêneo, suspenso, movente. A asunção dos audiovisuais contemporâneos nesta perspectiva pressupõe a visualização de vídeos, materiais capazes de possibilitar que o Ser pense o movimento e focalize-o como algo vivo e não como objeto fixo, congelado.

4. Perscrutar o fenômeno, viver a experiência

Partindo da compreensão de que audiovisual (ou vídeo, para Dubois) é uma forma que pensa, algo em processo e, portanto, inacabado e que permanece em movimento, fica claro compreender que não é possível, diante de sua própria natureza, “congelá-lo” ou ainda fragmentá-lo para iniciar uma pesquisa. Mais que identificar aspectos quali ou quanti, é interesse do metáporo captar o fenômeno comunicacional por meio dos sentidos e identificar em que (ou quais) medidas isso afeta o ser que se colocar diante de um audiovisual (quer seja para produzi-lo, quer seja para apenas espectá-lo). Mas como operacionalizar o procedimento metáporico? De acordo com Dantas (2012, p.14-15), é preciso considerar:

1. Condições de possibilidades, ou seja, a decisão de como o observador vai se portar diante da pesquisa, pois é necessária uma preparação diante do objeto a ser observado, já que é algo que está em movimento contínuo.
2. Observações para se definir como irá se trabalhar com o fenômeno, ou seja, a maneira como o pesquisador irá operar com certos elementos durante o seu processo observacional.
3. Constatações necessárias à definição da própria pesquisa em torno do fenômeno ou objeto observado.

Se por um lado o procedimento metáporico permite ao pesquisador experienciar o fenômeno, por outro lado implica também desafio e, até certo ponto, também desconforto. A tradição de pesquisa científica há muito nega apenas aquilo que é proveniente dos sentidos e que não se coloca como algo que pode ser reproduzido. Grossman (2016, p.19) destaca que o deslocamento de sentido – com vistas a valorizar aquilo que é sentido, mas nem sempre passível de ser cartesianamente registrado – se deu em direção a:

[...] expandir o campo das nossas percepções e afetos, de inventar um espaço transindividual (artista e espectador, autor e leitor) que nos abra a um outro corpo de sensação, nem o meu, nem o outro, a provar, a viver, a pensar – um corpo onde nossas suje-

⁶ Dubois (2004) destaca e referencia uma série audiovisuais em sua obra e indica as características do vídeo em comparação ao cinema e à televisão. Dentre os vários pontos destacados pelo autor, está, por exemplo, a mixagem de imagens em detrimento das tradicionais edições de planos. Em função da limitação de espaço e, sobretudo, do objetivo principal deste texto, optou-se aqui por apenas sintetizar (ainda que de forma bastante incompleta) os pontos do pensamento do autor que dialogam com a Nova Teoria da Comunicação.

tividades – onde um tempo – se desfaçam e se recomponham, diferentes. Os corpos de escrita que eles experimentam dominam a força das pulsões segundo uma outra lógica que não essa da abrupta oposição binária de masculino e feminino. Eles reinventam corpos estranhos, decompostos e fluidos, configurações relutantes ao nosso pensamento ordinário [...]

A NTC busca valorizar justamente o irreproduzível e registrar – com toda a força da potência alcançada pelo pesquisador – a experiência da vivência. Se é assim, o próprio Marcondes Filho (2019, p. 67), recorrendo à Grossman, questiona: “como sensibilizar esse outro, como afetá-lo, como projetar nele sensações”?

Não há receitas prontas. Ao pesquisador, que rasga uma passagem, busca um poro, uma passagem, para visualizar o Acontecimento comunicacional, há apenas e tão somente a necessidade de registrar o fenômeno. A forma redacional é ainda a mais utilizada, mas não é a única. É possível sim buscar formas outras para sublevar como se experienciou algo. Para isso, é preciso que o investigador realize, antes, a suspensão de seus pré-julgamentos e preconceitos. Os audiovisuais tocam os sujeitos e são capazes de despertar os desejos mais recônditos de um ser porque nada lhes é impossível, descabido ou mesmo passivo de julgamento: é um mundo em que tudo é possível e lícito. Isso significa que os audiovisuais se colocam como locais de realização dos sonhos, do devaneio, da liberdade.

Registrar o movimento metaporicamente pressupõe rasgar uma passagem, expandir os poros sem medo, perscrutar

o fenômeno e efetivamente viver a experiência da pesquisa. O registro (redacional, artístico etc.) deve perseguir o objetivo de possibilitar ao Outro uma aproximação do objeto a ponto de desejar ele também viver algo parecido. A pesquisa não deve, portanto, afastar o sujeito do fenômeno e sim buscar abrir brechas que permitam novos e surpreendentes olhares. Isso quer dizer que esta nova rota não pressupõe a necessidade de compartimentalização e sequer o seguimento de um método fixo. Aliás, o pesquisador se baliza justamente pelo não seguir métodos fixos.

Considerações finais

Alguns talvez levantem questionamentos acerca do rigor científico do metáporo. Aquilo que se faz sem seguir um método fixo deixa de ter rigor científico? A busca pelo rigor – considerando as diversas áreas – pode levar ao que Aristóteles classifica como Senso de Mal-Estar ou ainda como “Síndrome da Náusea do Rigor Científico” (BOFF, 2015, p. 1567). Vejamos:

(O mal-estar que alguns sentem em relação ao rigor provém) seja de sua incapacidade de compreender os nexos do raciocínio, seja de sua aversão pelas sutilezas. O rigor efetivamente tem algo que pode parecer **sutileza** (*micrologia*). Por isso, alguns o consideram qualquer coisa de mesquinho (*anelêutheron*), e não só nos discursos, mas também nos negócios. (Met. II, 3, 995, a 9-12, grifos nossos).

Assumir o sutil, a minúcia, pressupõe, por sua vez, uma outra forma de pensar,

de sentir e de se relacionar com a pesquisa. Perseguir a minúcia não deve constranger o espírito. Ao contrário, deve buscar dilatá-lo rumo a experiências nunca vivenciadas.

Recorrendo a Aristóteles, Boff (2015, p. 1565) assevera que o axioma mais elementar da epistemologia diz respeito à importância de “antes de adentrar um estudo ou um debate, examinar, o quanto possível, a natureza da questão em pauta, para ver, em seguida, que tipo de rigor argumentativo ele pode exigir em tal questão”. Importa, portanto, que o discernimento epistemológico seja originado a partir das especificidades do que se vai estudar.

Nas palavras de Aristóteles: “É próprio do homem educado (*pepaideuménou*) exigir em cada matéria (*génos*) tanto rigor (*akribés*) quanto comporta a natureza daquela matéria” (Ét. Nic. I, 3, 1094 b 24-25). Ignorar a premissa primeira de qualquer investigação científica constitui-se, para Aristóteles, em *apaideusia* (Ét. a Eudemo I, 1, 1217 a 6-8). O termo designa uma pessoa a quem falta educação de ordem epistemológica e, de certa forma, também formação intelectual básica (BOFF, 2015). É igualmente indicativo de *apaideusia* buscar conceber que uma luva deve caber em toda e qualquer mão. Nem tudo pode ser demonstrado. É

preciso visualizar e, sobretudo, respeitar a natureza do estudo. Isto posto, fica claro que as referências de rigor que norteiam as diferentes áreas do saber são de naturezas distintas. Se não o fossem, estariam, pois, na mesma área.

Enxergar o óbvio é já um lugar comum que pouco ou nada contribui para o progresso do conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmos. Ainda que seja um clichê, destacamos a impossibilidade de alcançar o novo se partimos sempre dos mesmos lugares e percorremos sempre os mesmos caminhos. Esses últimos, para nós, podem ser expressos pelos métodos rígidos.

O vídeo, exposto aqui como *estado*, exemplifica justamente a possibilidade de avançarmos no sentido de habitarmos o movimento, transportarmo-nos para aquilo que ocorre *enquanto* ocorre justamente porque nos atravessa sem pedir licença, sem que nos seja possível enquadrarmolo em nosso rol de significados. Ele foge das nossas caixas compreensivas preestabelecidas e alcança em nós as estruturas mais sensíveis, mais íntimas. Distantes de fecharmos o debate, é importante termos sempre em mente que este é apenas o início de um percurso que pode e deve ser sempre revisto, debatido e rediscutido.

Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução Estrela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buorgermino e Pedro de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BERGSON, Henri. A percepção da mudança. In: BERGSON, Henri. **O pensamento e o movimento**: ensaios e conferências. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Coleção Tópicos).

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Trad. Adolfo Casais Monteiro. 2010.

DANTAS, Elenildes. Metáforo e o conceito de comunicação como Acontecimento. In: **Anais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Ouro Preto: Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2012.

BOFF, Clodovis. O rigor científico: princípios elementares extraídos de Aristóteles no interesse da teologia. **HORIZONTE**-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 13, n. 39, p. 1559-1579, 2015.

BORGES, Jorge Luís. Do Rigor em Ciência. In: BORGES, Jorge Luís. **Obras completas II** (1952-1972). Lisboa: Círculo de Leitores, 1999.

DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo, Godard**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

GROSSMAN, Evelyne. **Corpos hipersensíveis, para além da diferença dos sexos**. Coleção pequena biblioteca de ensaios. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2016.

MARCONDES FILHO, Ciro. Reabilitando o Positivismo: Francisco Rüdiger “critica” a Nova Teoria da Comunicação. Mas não impunemente. **Revista ECO-Pós, [S. l.]**, v. 23, n. 3, p. 278-307, 2020.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A comunicação do sensível: acolher, vivenciar, fazer sentir** / Ciro Marcondes Filho – São Paulo: ECA/USP, 2019. Versão do autor: 2018.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Princípio da razão durante**. O conceito de comunicação e a epistemologia metapórica. São Paulo: Paulus, 2010. v. III, tomo 5.

MARCONDES FILHO, Ciro. Sobre o tempo de incubação na vivência comunicacional. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. In: XXV – Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás. **Anais [...]**, 7 a 10 de junho de 2016. Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/textocomautor_3350.pdf. Acesso em 11 abr 2022.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O escavador de silêncios: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação** – Nova teoria da comunicação II. São Paulo: Paulus, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a comunicação: contatos antecipados com a Nova Teoria**. São Paulo: Paulus, 2008.

OLIVEIRA, Danielle Naves. **Poros ou as passagens da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2016.

PETERS, John Durham. **Speaking into the Air: A History of the Idea of Communication**. University of Chicago Press, 2012 (Kindle Edition).

ROCHAMONTE, Catarina. Intuição da duração e experiência interior: Bergson entre filosofia e mística. **Ipseitas**, v. 2, n. 2, 2016.

SANTOS PINTO, Tarcísio J. **O método da intuição em Bergson e a sua dimensão ética e pedagógica**. São Paulo: Loyola, 2010.

SANTOS, Vanessa Matos dos. **Em busca do sensível**: repensar os audiovisuais em uma proposta metapórica. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo - SP, 2017.

SANTOS, Vanessa Matos dos. A possibilidade da Comunicação: articulações entre Bergson e Bachelard na Nova Teoria da Comunicação. **Questões Transversais**, São Leopoldo, Brasil, v. 9, n. 18, 2022. DOI: 10.4013/qt.2021.918.06. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/23072>. Acesso em: 14 abr. 2022.

SPINOZA [ESPINOSA], Baruch de. **Obra Completa IV: Ética e Compêndio de gramática da língua hebraica**. Org. J. Guinsburg, Newton Cunha, Roberto Romano; tradução J. Guinsburg, Newton Cunha. São Paulo: Perspectiva, 2014.

VIEILLARD-BARON, Jean-Louis. **Compreender BERGSON**. Tradução Mariana de Almeida Campos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

 Data do recebimento: 15/04/2022

Data do aceite: 06/06/2022

Dados do autor:

Vanessa Matos dos Santos

Docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atualmente, é docente permanente do Programa de Pós-Graduação (Mestrado Profissional) em Tecnologias, Comunicação e Educação (PPGCE). Atua também como docente permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) na mesma instituição. Possui graduação em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2004), mestrado em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2007) e doutorado em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus de Araraquara com estágio doutoral no exterior realizado na Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED) em Madrid (Espanha). Também é doutora em Meios e Processos Audiovisuais (Comunicação) pela Universidade de São Paulo (USP). Realizou estudos de pós-doutoramento na Universidade de São Paulo (USP - 2019).